

GRUNA DA MAMONA

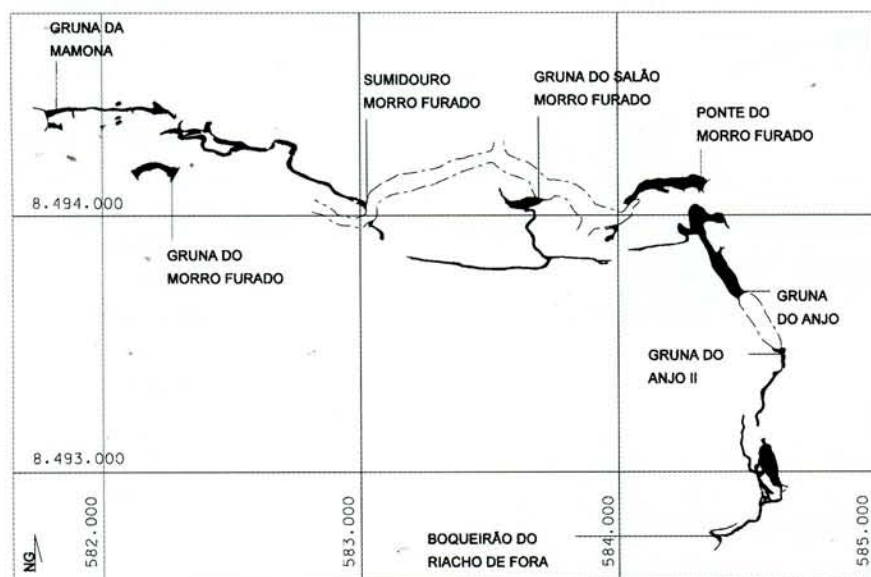
A RESSURGÊNCIA DO SISTEMA DO MORRO FURADO

LÍLIA SENNA HORTA

GRUPO BAMBUÍ DE PESQUISAS ESPELEOLÓGICAS

Desde há muito tempo, o nome, ou melhor, a expressão “Cânion do Morro Furado” faz parte da nossa lista de dicas espeleológicas. Isto graças ao nosso amigo francês Jöel Rodet, que andou pelo carste de Coribe na época em que orientava a geógrafa Ana Luísa Bitencourt, tendo feito um reconhecimento e descrições das cavernas da região. Para cada entrada detectada Jöel fez um ponto no seu croquis (O Carste vol. 9, nº 3). Assim, havia o 1, 2 3, 4.....números estes mais do que suficientes para aguçar nossa vontade de conferir cada um.

SISTEMA DO MORRO FURADO CORIBE - BAHIA



Como ocorrera na expedição de 1999, desta vez (2001) também estávamos hospedados na Agrovila 23, na pensão do simpático Zé de Tim. As atividades concentravam-se até então nas proximidades da Agrovila, e eram divididas entre prospecções e novas investidas em grutas já conhecidas. Após 5 dias nesta rotina, e como nada muito promissor havia sido descoberto, optamos por fazer um breve reconhecimento em um povoado situado na parte alta da serra do Ramalho, a cerca de 100 km da Agrovila. Seu nome era bastante animador: Descoberto. Tão animador que, neste dia, todo mundo foi para lá.

Descoberto já havia sido visitado em outras duas viagens, tendo sido descobertas várias grutas. Dentre elas destacam-se a Gruna de Descoberto, situada praticamente dentro das ruas do povoado, a Gruna do Enfurnado e a Gruna do Anjo, famosa por sua gigantesca estalagmite de 20 metros de altura, ornamentada por belas pétalas. Somando a isso, havia o cânion do Morro Furado, que era mais perto de Descoberto do que da Agrovila 23.

A estrada que leva ao povoado de Descoberto é de uma beleza singular. Apesar de não ser um tapete, sobe pela serra calcária, atravessando um mar de lapiás e uma verdadeira floresta de cactos de todas as formas, com espinhos de todos os tipos e tamanhos que insistem em nos espetar. Claro, não resistimos e entramos nesse mar, para fotografar e fazer uma pequena prospecção em busca de alguma entrada para o mundo subterrâneo. Encontramos também vários cactos floridos, instalados sobre a rocha nua e árida. Difícil imaginar como sobrevivem nessas condições.

Como em uma carreata, chegamos finalmente em Descoberto, cheios de esperança. Logo na praça, um cartaz e decoração típica chamou a atenção de todos: iria haver uma festa

junina naquela noite. Alguns até ameaçaram ficar ali mesmo pela praça esperando pela festa, mas melhor do que esperar era aproveitar o tempo e ir dar uma olhada na gruta mais próxima. Quem sabe aquela dentro do próprio povoado... E assim os grupos de espeleólogos iam se formando e se dispersando para o reconhecimento.

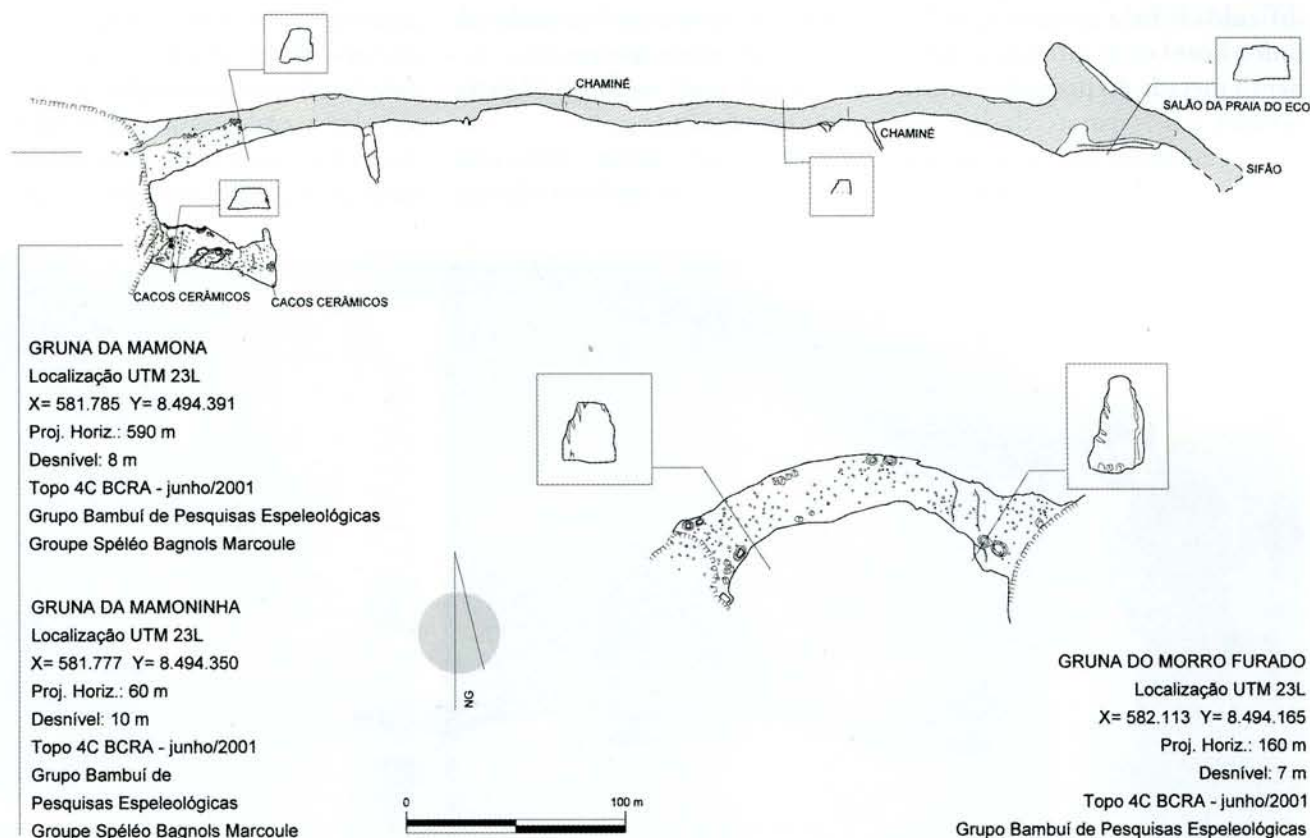
Para os menos afoitos, e como de praxe, precisávamos de informações. Rumamos para o bar mais próximo e tratamos de perguntar e procurar quem pudesse nos levar às grutas. Aos poucos as equipes iam sumindo na poeira da caatinga. Parti naquela que ia ao Morro Furado. Nosso guia sabia chegar no cânion, mas também falou de uma ressurgência no caminho, conhecida como Mamona.

- Sim, vamos lá também.

Depois de 17 Km de estrada de terra, partindo de Descoberto,

deixamos o carro e seguimos a pé por uma trilha não muito fechada em meio a uma matinha. Chegamos na margem de um córrego e o nosso guia disse que era o rio que saía da caverna. Mais alguns passos e lá estava o imponente pórtico da entrada da Mamona, que nos fez lembrar as grutas do Peruaçu. Andamos rapidamente até sua base. Lanternas acesas, pé na água. Pés, pernas, cintura, pescoço, nós já nadando e a galeria, sempre alta, fazia uma curva para a direita e ia embora. Após 200 metros, chega por ora. A gruta continua e promete, mas era necessária a exploração com bóias. Por entre a vegetação, foi possível também visualizar uma entrada superior e alguns espeleotemas. Talvez outra gruta? Mas um desnível a ser superado para chegar realmente na entrada e a necessidade de ainda ir ao cânion nos fez deixar esta exploração para outro dia.

Reconhecimento feito, voltamos ao carro e partimos por outra trilha, seguindo o que parecia ser uma drenagem seca, para a segunda parte: conhecer o caminho para o Cânion do Morro Furado. Um pouco mais longe, vegetação bem mais seca e chegamos na porta de entrada do cânion. E que porta! Também uma alusão ao Peruaçu: um enorme túnel, com 30 m de altura e 25 m de largura, e praticamente plano, já foi usado pelos moradores como passagem para as carroças e cavalos para as fazendas, no passado. Um vento refrescante nos amenizava o calor enquanto adentrávamos aquele ambiente familiar. No fim do túnel, enfim avistamos o cânion. Sim, era ali. Enquanto admirávamos várias pinturas rupestres, imaginávamos que grutas estariam nos esperando. Mas era tarde, hora de voltar. Havíamos combinado de encontrar todos em Descoberto para retornar à Agrovila. Um longo caminho ainda.



uma pontinha de nada nas paredes para o apoio. Tarefa nada fácil para quem lia a bússola (no caso, eu). Esticar a trena até tirá-la de dentro d'água sem ser puxada, tirar o capacete, iluminar a bússola, descobrir qual luzinha lá na frente era a outra base, manter a bússola seca, na base fixa e...invariavelmente a sutil correnteza ou mesmo uma marola de alguém que tinha acabado de passar deslocava devagar e sempre a bóia para longe da parede. Tudo tinha que ser muito rápido para poder dar certo, ou quase. Numa das puxadas, a trena arrebentou e eu ganhei um belo corte tipo faca nos dedos. Mas tudo bem, naquele grutão isso era o de menos.

Após alguns meandros avistamos um conduto lateral à direita, marcamos sua entrada e prosseguimos entusiasmados no principal. A galeria continuava totalmente alagada, funda e ampla. Mas eis que sem aviso, já a 500 metros da entrada, surge o implacável sifão. Jean Loup se adianta para medir a profundidade, amarrando uma pedra na ponta da trena. Até hoje não sei o porquê, mas ele escolheu uma pedra tão grande

que nos fez rir bastante, e sob nossos argumentos de que não era necessário e que poderia acabar perdendo a trena toda, ele então trocou por uma bem menor. Assim conseguimos traçar uma seção do fundo da galeria medindo a profundidade em vários pontos junto ao sifão. A média foi de 3 metros. A água limpa e as dimensões da galeria indicam um bom potencial para espeleomergulho.

Demos meia volta e retornamos à entrada, não sem antes explorar o conduto lateral, que infelizmente era bem pequeno: apenas 25 metros. Como ainda era cedo, fomos para a entrada superior (ainda inexplorada) batizada então de Mamoninha.

Após uma rampa íngreme na lateral direita da Mamona e uma pequena escalada, chega-se à entrada bastante ornamentada da Mamoninha, cuja visão para o horizonte é magnífica. Novamente fizemos bases nas laterais (mantivemos as mesmas funções na equipe). Realmente toda esta beleza e proximidade de um curso d'água não poderia dar em outra: achamos uma enorme quantidade de cacos cerâmicos,

alguns tão grandes e próximos uns dos outros que dava para perceber o formato e o tamanho de toda a peça.

Devido à proximidade, havia boas possibilidades de comunicação com a Mamona, mas não achamos nenhuma ligação entre elas. Ao todo, a Mamoninha somou 60 metros de galeria única, sempre seca, e uma pequena rampa descendente no final.

Fim do dia, material na mochila e caminho de volta para a cidade. Mas não poderia deixar de mencionar as boas horas que passei com esta equipe neste dia. Não sei se pelo bom humor constante, descontração, ou pela caverna, mas foi um dia diferente, daqueles que deixam saudades. Ω



À esquerda o quadro-negro e o "planning" das equipes. Ao lado a entrada da Gruta da Mamona
Fotos:
Jacques Sanna e
Vitor Moura

Gruna da Mamona - Résurgence du Système du Morro Furado

Lília Senna Horta
Grupo Bambuí de
Pesquisas Espeleológicas

Depuis très longtemps le nom, ou plutôt l'expression "Canyon do Morro Furado" fait partie de notre liste d'indications spéléologiques. Et ceci grâce à notre ami français Joël Rodet qui a sillonné le karst de Coribe à l'époque où il orientait la géographe Ana Luis Bitencourt qui faisait alors des recherches dans la région. Celui-ci effectua un repérage dans la zone et fit la description des cavernes. A chaque entrée détectée, il fit correspondre un point sur son croquis (O Carste. Vol.9, n 3). Ainsi, il y avait les points 1,2,3,4... Cette série de nombres nous suffisait déjà amplement pour aiguïser notre appétit à vérifier chacun d'entre eux. Comme au cours de l'expédition de 1999, cette fois encore (2001) nous allions être hébergés à Agrovila 23, dans la pension de l'aimable Zé de Tim. Les activités se sont tout d'abord concentrées aux abords d'Agrovila, et elles étaient divisées entre les prospections et les inspections de grottes déjà connues. Après 5 jours d'activités routinières, et comme rien de vraiment probant n'avait encore été découvert, nous avons pris la décision de faire une brève reconnaissance dans un village situé dans la partie haute de la serra do Ramalho, à près de 100 km de notre lieu de villégiature. Son nom était des plus prometteurs: Descoberto. Si prometteur que ce jour-là, tout le monde en prit le chemin.

Descoberto avait déjà été investi lors de deux autres voyages, et plusieurs cavernes avaient été identifiées. Parmi celles-ci, les plus notables étaient la Gruna de Descoberto qui se trouvait pratiquement dans les rues de la bourgade, la Gruna do Enfurnado et la Gruna do Anjo célèbre pour sa gigantesque stalagmite de 20 mètres, ornée de beaux pétales. Il serait bon d'y ajouter aussi le Canyon du Morro Furado bien que ce dernier se trouvât plus près de Descoberto que d'Agrovila 23.

La route qui mène à Descoberto est d'une beauté singulière. Malgré l'inconfort de son revêtement, il gravit la serra calcaire en traversant une mer de lapiez et une véritable forêt de cactus de toutes espèces... Avec des

épines de toutes sortes et de toutes les tailles qui nous donnèrent envie d'aller les observer d'un peu plus près. Aussitôt dit, aussitôt fait, et nous nous sommes enfoncés dans cet océan pour y faire des photos et pour en reconnaître le terrain qui nous dévoilerait peut être une entrée conduisant au monde souterrain. Nous avons eu l'occasion de voir aussi plusieurs cactus en fleurs se déployant sur la roche nue et aride. Il est bien difficile de savoir comment ils peuvent survivre au milieu de telles conditions.

Notre caravane composée de plusieurs véhicules atteignit finalement Descoberto et nous étions tous plein d'espoir. Dès notre arrivée sur la place, une affiche et les décorations urbaines nous avertirent qu'un bal était programmé pour la soirée. Certains d'entre nous menacèrent même de rester plantés là en attendant le début des festivités. Mais nous avions mieux à faire pour profiter au mieux de ce laps de temps: jeter un coup d'oeil dans la cavité la plus proche. Et pourquoi pas dans celle qui se trouvait justement dans le village... Et c'est ainsi que les groupes de spéléologues se formèrent et se dispersèrent.

Pour les moins audacieux et comme à l'accoutumée, nous avions besoin de bons tuyaux. Nous nous sommes dirigés vers le bar le plus proche et nous avons posé des questions aux gens en cherchant quelqu'un qui pouvait nous conduire jusqu'aux grottes. Petit à petit, les équipes disparaissaient dans la poussière de la caatinga. L'une d'entre elles avait pris la direction du Morro Furado. Notre guide savait comment rejoindre le canyon. Il nous parla aussi d'une résurgence du nom de Mamona qui se trouvait sur notre route.

-Ok, allons l'examiner aussi!

Après avoir couvert 17 km de piste poussiéreuse depuis Descoberto, nous avons laissé le véhicule derrière nous et nous nous sommes engagés sur un sentier pas trop étroit au milieu d'un bois. Nous avons marché jusqu'au bord d'un cours d'eau que notre cicérone nous décrivit comme étant le rio qui sortait de la caverne. Quelques pas de plus et nous pouvions admirer l'imposant porche d'entrée de la Mamona qui nous fit penser aux cavités du Peruagu. Nous nous sommes hâtés de nous rapprocher de sa base. Enfin, les frontales allumées, les pieds dans l'eau, puis très vite les jambes, le cou et voilà que nous nagions maintenant dans la galerie qui, toujours haute, faisait une courbe sur la droite

pour ensuite se perdre à l'horizon. Notre progression fut interrompue 200 mètres plus loin. C'en était assez pour le moment. La grotte continuait et promettait, mais il s'avérait nécessaire d'y retourner en s'équipant d'une bouée. Au beau milieu de la végétation ambiante, il nous fut également possible de repérer plus haut une entrée et quelques concrétions. Peut-être une autre grotte? Mais pour l'atteindre, il nous aurait fallu franchir un dénivelé. De plus, le Canyon nous attendait, nous avons donc remis cette exploration à un autre jour.

Une fois ce travail de reconnaissance effectué, nous avons rejoint la voiture et nous sommes repartis sur une autre piste en suivant ce qui paraissait être un drainage à sec, pour la deuxième partie de notre excursion qui devait cette fois nous mener au Canyon do Morro Furado. Encore un petit effort avant de nous retrouver au milieu d'une végétation bien plus sèche qui finit par nous dévoiler le porche d'entrée du canyon. Et quel porche! Encore un point commun avec le Peruagu: un tunnel énorme de 30 m de haut sur 25 de large, au sol pratiquement plat. Il avait déjà été jadis emprunté par les habitants qui l'utilisaient en le parcourant en diligence ou à cheval pour se rendre dans les fazendas. Une fois dans notre élément, un vent rafraîchissant adoucissait un peu la chaleur régnante. Au bout du tunnel, nous pouvions enfin apercevoir le canyon. Oui, c'était bien lui! Alors que nous étions en train d'admirer plusieurs peintures rupestres, aurais-je vraiment pu imaginer que les grottes allaient nous attendre? Non, il se faisait d'ailleurs déjà tard, l'heure de regagner nos pénates avait sonné. Le retour s'annonçait assez long et nous avions fixé à tout le monde Descoberto comme point de ralliement avant de repartir tous ensemble vers Agrovila.

En arrivant à Descoberto, la bourgade était devenue méconnaissable. La fête, qui battait son plein, l'avait transformée. Nous avions failli l'oublier. La moitié du groupe de spéléos déambulait déjà le long de l'allée de bambous ornée de petits drapeaux colorés et parsemée de buvettes replètes de caipirinhas, de bières et d'amuse-gueule divers.

- Restons juste un peu !...

Peu à peu, les groupes de danse commencèrent à se former. Tout d'abord composés d'enfants, puis d'adultes, et pour finir on a eu droit à un mariage champêtre. Enfin, à point d'heure, nous nous sommes

résolus à abandonner tout ce beau monde. Heureusement que certains d'entre nous avaient encore les idées assez claires et qu'ils pouvaient donc reconnaître la route du retour qui, par chance, n'était pas très fréquentée.

A l'unanimité, il fut décidé quatre jours plus tard de transférer notre gîte à Descoberto. C'est donc avec un peu de tristesse que nous avons fait nos adieux à Zé et à Maria dont les regards et les mimiques trahissaient un réel chagrin devant ce départ anticipé.

Une fois rendus à Descoberto, la première difficulté que nous avons rencontrée fut de se trouver un lieu où passer les nuits. Le seul hôtel existant n'aurait même pas pu accueillir la moitié du groupe, et encore moins la quantité d'équipements qui chaque jour semblait doubler de volume. Il restait bien une possibilité: la location de quelques maisons qui étaient inoccupées, mais cette solution ne nous satisfaisait qu'à moitié car dans ce cas nous aurions dû nous séparer. Par chance, nous nous sommes alors rappelés que peut-être il nous serait possible de louer une école dont les élèves étaient déjà en vacances. En attendant d'en trouver une, nous avons établi temporairement nos quartiers dans un estaminet... Jusqu'à l'heure de la fête, et même fatigués, ce fut divertissant. Au bout du compte, après toutes ces péripéties, nous avons quand même fini par réussir à nous installer dans une école, assez vaste pour contenir tout notre fourbi.

La routine était semblable à celle que nous avions connue à Agrovila, mis à part les repas et les douches que nous prenions dans le bar de Gildeon distant de 200 m de l'école. Le téléphone se trouvait à mi-chemin. Tous les matins, nous nous servions du tableau noir de la salle pour former les équipes. Le fameux planning: quatre ou cinq options d'explorations étaient inscrites et chacun y apposait démocratiquement son nom en face de celle qui lui semblait présenter le plus d'intérêt.

- Où vas-tu aujourd'hui? Me demanda-t-on.

Je ne sais pas encore. Là où une équipe aura besoin qu'on la complète, ai-je répondu sans enthousiasme.

Mais en observant le tableau, j'ai eu un faible pour la "Mamona". J'y ai vite inscrit mon nom et d'autres noms ne tardèrent pas à apparaître: Vitinbo, Jean-Loup, Gilles et Orlando.

Nous avions eu la bonne idée de nous équiper de combinaisons en nylon (et oui!) en prévision des longs moments que nous aurions à passer dans l'eau. Les bouées gonflées à bloc, le repas dans la gamelle et les yeux brillants, nous nous sommes dirigés vers la grotte. Une fois sous le grand porche d'entrée, nous nous sommes répartis les tâches, sans une certaine confusion quant au langage employé, à savoir: qui disait quoi, à qui et dans quelle langue, alors que la topo venait à peine de débiter.

- Hé, Jean-Loup, tu devrais plutôt indiquer les mesures en français car c'est Gilles qui est en train de noter.

Vitinbo aussi réussit à convaincre tout le monde qu'il fallait faire des visées dans les galeries latérales de l'entrée afin que les points topo fussent bien visibles puisque c'était lui qui était au croquis...

La galerie de la Mamona est vraiment quelque chose d'impressionnant avec ses 15 mètres de haut sur 15 m de large. Nous dérivions tranquillement sur nos bouées grâce aux profondeurs de l'eau libre d'îles, de bancs de sable et de pierres... et sans une aspérité quelconque sur les murs pour pouvoir s'y appuyer. Ce qui n'était pas de la rigolade pour celui qui s'évertuait à déchiffrer le cadran de la boussole (en l'occurrence, moi): la tâche consistait à s'étirer jusqu'à atteindre le décimètre pour le retirer de l'eau sans perdre l'équilibre, ôter son casque, éclairer le cadran de la boussole, deviner à quelle petite lumière en face pouvait bien correspondre le point topo suivant, préserver la boussole de l'humidité sur les points topo fixes et... invariablement un léger courant, ou même une vaguelette balayant la surface à la suite du passage d'un spéléonaute, éloignait à chaque fois lentement mais sûrement la bouée de la paroi. Pour pouvoir fonctionner, tout devait donc s'effectuer avec rapidité. Toutefois, lors d'une de ses manoeuvres, le décimètre tendu céda et j'en fus quitte pour une belle coupure au doigt, du genre de celles que les couteaux peuvent causer. Mais dans une cavité telle que celle-ci, c'était un moindre mal.

Quelques courbes plus loin, nous avons aperçu un conduit latéral sur la droite. Nous en avons marqué l'entrée avant de poursuivre avec enthousiasme notre chemin dans la galerie principale. Celle-ci se prolongeait en étant totalement inondée, profonde et large. Et voici soudain que surgit

devant nous un siphon implacable. Jean-Loup s'est avancé pour mesurer la profondeur en attachant une pierre au bout du décimètre. Jusqu'à aujourd'hui, il est difficile de savoir pourquoi mais il choisit une pierre si grosse que nous n'avons pas pu nous empêcher de rire alors que nous lui disions que ce n'était pas vraiment nécessaire d'en utiliser une d'une taille pareille, et que nous risquions de perdre tout le décimètre. Il en a donc pris une bien plus petite. C'est ainsi que nous sommes arrivés à tracer une section depuis le fond de la galerie en en mesurant la profondeur par rapport au siphon à divers endroits. La moyenne était de trois mètres. L'eau limpide et les dimensions de la galerie indiquaient un bon potentiel pour la plongée-spéléo.

Nous avons fait demi-tour et nous sommes retournés à l'entrée non sans avoir préalablement exploré le conduit latéral qui, malheureusement, se révélait bien modeste: à peine 25 mètres. Comme il était encore tôt, nous sommes allés inspecter l'entrée supérieure (jusqu'alors inexplorée) que nous avons baptisé Mamoninha.

Après avoir franchi une rampe escarpée dans le conduit latéral droit de la Mamona suivi d'une petite escalade, l'entrée bien ornementée de la Mamoninha dont le point de vue sur l'horizon est magnifique s'est offerte à nos regards. Nous avons repris la topo dans les galeries latérales (en maintenant les mêmes tâches pour chacun). Toute cette beauté et le voisinage d'un cours d'eau ne pouvait que faire apparaître sous nos yeux une très grande quantité de débris de céramique, certains si grands et si proches qu'il nous était possible de deviner le format et la taille de l'ensemble.

De par leur proximité, il devait certainement exister des connections avec la Mamona, mais nous n'en avons trouvées aucune. En tout, la Mamoninha s'étend sur 60 mètres dans une galerie unique, toujours à sec et qui s'élève légèrement sur la fin.

La journée touchant à sa fin, le matériel dans les sacs à dos, nous avons repris le chemin vers la ville. Il m'était impossible de ne pas vous faire part des bons moments que j'ai passés avec cette équipe pendant cette journée. Je ne sais pas bien pourquoi, peut-être était-ce à cause de la bonne humeur constante qui régnait, la décontraction ou bien la caverne, mais ce fut un jour différent, un de ceux qui laissent "saudades".